

## **DA PEDAGOGIA INERENTE À TEORIA QUEER**

**Ana Catarina Milhazes**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

a.alaska@hotmail.com

Os Estudos Queer têm despertado interesse sobretudo em teóricos que, na sua vida pessoal, rejeitam formas de comportamento (grande parte das vezes, sexual) consideradas ‘normais’. Todavia, as razões que estão na origem do desenvolvimento dos Estudos Queer não devem deixar de ter significado, de um modo geral, para os investigadores das ciências humanas. A discussão dos códigos, de resto, é tipicamente o trabalho de quem lida com as ciências não-exactas. Não obstante, as ciências humanas têm fundado larga parte da sua metodologia em distinções de ordem dicotómica, que retomam indirectamente, e nem sempre conscientemente, a distinção dos géneros.

A distinção categorial, social e taxonómica, entre Masculino e Feminino parte, como é evidente, da distinção biológica dos géneros Masculino e Feminino. Uma característica física é transposta como categoria de valor, portanto. Não interessando, para o sentido do que quero dizer, as razões que levam a uma geral sobrevalorização do Masculino em detrimento do Feminino, importa-me notar como, partindo de uma distinção, chegamos a um antagonismo (opondo um ao outro) e, mais ainda, a uma hierarquia valorativa (dando preferência a um em detrimento do outro). O género biológico impõe diferenças que me parece inadequado recusar como inconsequentes: o masculino é tipicamente mais verticalizado, recto; o feminino, mais irregular, de formas arredondadas; nas diferenças genitais, o masculino é extrovertido, o feminino, introvertido; ao masculino cresce barba e mais pelos no corpo do que ao feminino. Os géneros masculino e feminino transpõem-se para as categorias sociais e culturais do que “é masculino” (de homem) e do que “é feminino” (de mulher). Do feminino, sem barba e com menos pelo no corpo, espera-se que, porque está ‘descoberto’, use mais ornamentos e adereços; a sua introversão cruza-o com os terrenos do secreto, do

fantasioso e do perigoso. Do masculino, que é mais vertical e extrovertido (do que sai e se deixa ver), espera-se sobriedade e clareza. Estas metonímias conceptuais encontram-se talvez na raiz de dicotomias como claro/ escuro, razão/ sentimento, linha/ círculo, forma/ matéria, estável/ efémero, correspondentes respectivamente ao Homem e à Mulher. A distinção dicotómica dos géneros não foi neutra. Como é sabido (em correspondência com o que é próprio do masculino e do feminino), o estável é preferível ao efémero, o claro é preferível ao escuro, o sóbrio ao fantasioso, etc. É pois natural que tenhamos construído culturas que primam pela nãoambiguidade, que procuram limitar a confusão entre os géneros e, conseqüentemente, a confusão entre as funções e atitudes ‘próprias’ desses géneros. Ora, surgido o momento (muito progressivo, de resto) em que se problematiza a predominância do valor do masculino e, conseqüentemente, do Homem, a favor do que se lhe subjugava, o valor do feminino, está aberta, naturalmente, não apenas a questão da ordenação dos valores mas a questão da origem e legitimidade dos valores. Compreende-se, pois, que, tendo o termo *queer* começado por designar os da *margem em relação ao centro* (a Mulher), se tenha alargado para abranger os que entendem que a própria margem pode ser ainda compreendida como parte (mesmo se submissa) do centro. A via da margem oferece apenas uma variante menos valorizada do *normal*. Mas, de facto, o problema é maior quando o nosso referente está longe daquele que nos oferecem como *normal* – não à margem, mas longe, sem que o sujeito tenha qualquer identificação com ele. É importante notar que, embora as conotações socioculturais se liguem a configurações físicas do género, essas conotações não são rígidas, não devem ser, porque dependem sobretudo do modo como cada um vive o (e no) seu corpo – de resto, também as configurações físicas sofrem alterações de ordem genética, ainda que essa alteração seja consideravelmente mais lenta. Mas, a este respeito, não se deve deixar de referir que, se efectivamente a Teoria Queer tem trabalhado no sentido de abrir outras vias, não se tem dado tanto ao trabalho de explicar as razões que podem estar na origem das nossas tendências dicotómicas (sejam estéticas, discursivas, morais, científicas ou outras). Foi justamente por aí que quis começar. Entendo que é tão preciso possibilitar novas vias como entender a razão das existentes. De facto, Judith Butler, talvez o nome mais representativo dos Estudos Queer, afirmou que a linguagem, nomeando, produz os corpos e os sujeitos, mas não explicitou, a meu ver, que essa linguagem que produz foi

também em parte produzida, ou pelo menos configurada.<sup>1</sup> Sem dúvida, como Butler escreveu, o discurso configura os corpos, mas também o corpo (as configurações inerentes à natureza da espécie) configura os discursos – o espírito configura tanto o corpo quanto o corpo configura o espírito. Foi por aí que quis começar, porque entendo que os Estudos Queer não terão relevância justa até relacionarem estas duas questões. Não obstante, há já lições a retirar do *Queer*.

A Teoria Queer, surgida no panorama dos Estudos Literários e Culturais há um quarto de século, tem a meu ver propostas importantes para fazer aproximar os Estudos Humanísticos de uma atitude metodológica mais ética, plural e humana. O nome Humanidades não nos deve levar ao engano: nem sempre as Humanidades foram *humanísticas*, no sentido de rectidão ética. Foram seguramente uma valorização do Humano, mas grande parte das vezes essa valorização implicou uma sobrevalorização, nomeadamente do Homem em relação à Mulher (porque as virtudes humanas tiveram muito mais como paradigma o Homem do que a Mulher), do Humano em relação ao Animal, ou do Artificial/ Convencional em relação ao Natural, do Criado em relação ao Dado.

Partindo de questões levantadas pelos estudos de género (Estudos feministas) e pela relação entre género e opções sexuais (Estudos Gay e Lésbicos), a Teoria Queer lança duas propostas que quero destacar: 1) a defesa de identidades nãoestáveis e 2) a questionação de pontos de referência antagónicos tidos como estruturantes. *Queer*, termo que nos anos '80 do século passado era usado pejorativamente como sinónimo de *homossexual*, foi na década seguinte fixado por Teresa de Lauretis (1991<sup>2</sup>) para definir a marginalização do discurso da Mulher num panorama conceptual e linguístico do Homem. No entanto, veio a designar, como hoje se utiliza, não o que está na margem, como inicialmente, mas o que não se deixa fixar pelos extremos binários, nem o centro, nem a margem, mas o *esquivo*. São, aliás, simbólicos os títulos das obras que se tornaram precursoras dos Estudos Queer: *Gender Trouble*, de Judith Butler, e *Epistemology of the Closet*, de Eve Sedgwick – o que levanta problemas de identificação, o que não consegue afirmar-se e se vê obrigado a viver escondido. O

---

<sup>1</sup> Judith BUTLER, “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’” in Guacira Lopes LOURO (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 1999, Belo Horizonte, Autêntica Editora, pp. 151-172.

<sup>2</sup> Teresa de LAURETIS, “Queer Theory, Lesbian and Gay Studies: An Introduction” in *Differences: A Journal of Feminist and Cultural Studies* 3/2, Summer 1991, pp. III – XVIII.

termo *queer* começou, portanto, a designar tudo o que era estranho ao Homem e não apenas o que lhe era ‘antagónico’ (Mulher)<sup>3</sup>. *Queer* foi (e ainda é) um termo extensível a todas as variantes da comunidade LGBT. Mas na medida em que algumas pessoas da comunidade LGBT passaram a utilizar o termo como resistência às designações *gay*, *lésbica*, *bissexual* e *transsexual* – termos que, pelo menos indirectamente, a norma heterossexual fixou –, o termo deixou de designar meramente uma opção (ou via) sexual. Hoje é mais do que isso: designa tudo o que resiste à identificação. As identidades *queer* são compostas por um número infinito de possibilidades. Os Estudos Queer interessam-se por identidades desconhecidas, ou inesperadas, e instáveis. O *esquivo*, portanto. Não *este* (canónico) ou *aquela* (marginal), mas *aqueloutro*. Nem sempre se percebe que *aqueloutro*, literalmente *aquela que não é o outro*, não é meramente o marginal. De facto, até o marginal lhe é insuficiente ou estranho. Os Estudos Queer não pretendem trazer para o centro o marginal, como propõe, por exemplo, a crítica feminista. Pretendem desestabilizar os centros tanto quanto aquilo que é perpendicular a esses centros, que são as margens. A identidade *queer* é a identidade do terceiro excluído, da terceira via, solução, de resto, para o binómio antagónico (*este* vs. *outro*). Neste sentido, *queer* funciona “menos [como] uma identidade, do que [como] uma crítica à identidade”.<sup>4</sup>

Os Estudos Queer aparecem, assim, como uma saudável resistência àquele que é talvez o maior dos defeitos científicos: a estagnação. Quantas vezes se tem repetido essa passagem perversa da fixação à estagnação? E a estagnação, como já temos visto, está demasiado próxima da rejeição do novo, do diferente, do desconhecido, do não categorizável. É por isso que os Estudos Queer têm sido também, como tem notado Judith Butler, a activação de uma política que resiste à nomeação. Mas justamente como podem os Estudos Queer, cujos propósitos passam por criticar a identidade e resistir à nomeação, situar-se no meio científico, onde se trabalha com metodologias e terminologias, necessariamente económicas e excludentes?

As leis pelas quais nos regemos enquanto sociedade – leis morais, leis jurídicas, protocolos, retóricas, convenções socio-culturais – decorrem, naturalmente, de uma escolha dependente das noções de *necessário* e de *apropriado*. São, portanto, fórmulas excludentes, e o que delas faz parte respeita metonimicamente *o que é próprio*. *Próprio*

---

<sup>3</sup> Eve SEDGWICK, *Epistemology of the Closet*, 1990, Harmondsworth, Penguin, p. 1.

<sup>4</sup> Annemarie JAGOSE, *Queer Theory*, Victoria, 1997, Melbourne University Press, p. 1.

no sentido de *certo, correcto, estável, natural* até. O *queer*, pelo contrário, apresenta-se como o que não está certo, não é natural, não é estável. Por duas razões, a segunda decorrente da primeira: 1) resiste à identificação; 2) não confia no fixável. O *queer* não confia no “é” ou “não é”, “sempre” ou “nunca” dos discursos normativos. Como escreveu Guacira Lopes Louro, o *queer* é uma atitude de *incerteza* e de *prudência*, daí que a sua retórica paradigmática seja a retórica do “talvez”:

“A moral não é queer. Nem a lei. Nem o direito. Isto é certo. Mas a certeza tampouco é queer. O governo nunca é queer. Mas dizer “nunca” não é nada queer. Nada? Cuidado! O gay talvez seja queer. Ah, “talvez” é sempre queer. Sempre? Não, isso não é queer. Mas deixemos de tanta cautela (isso, sim, é queer!)”<sup>5</sup>.

Posição crítica de desconfiança permanente, o advogado do diabo, é isto a atitude *queer*, no âmbito científico. Parece-me quase desnecessário destacar que, obviamente, esta atitude científica já existia antes de existirem os Estudos Queer (como também se diz, já havia cristãos antes de Cristo). O que quero realçar, no entanto, é que a abordagem destes Estudos pode ser uma forma preferencial para problematizar questões metodológicas, utilizando-a como disciplina paradigmática do que é a dinâmica no âmbito da ciência, nomeadamente das ciências humanas, ditas menos exactas e onde se sente mais claramente a dependência em relação à ordem de valores socioculturais. Os Estudos Queer têm más relações com os movimentos e com as escolas (“[...] os ‘-ismos’ são todos irrecuperáveis para o queer”<sup>6</sup>). A atitude *queer* não é, por isso, uma metodologia, mas uma espécie de metametodologia dos Estudos Literários e Culturais. Vai ter à posição oposicionista, desconfiada dos poderes soberanos, das verdades universais, do “moralismo de cima e de baixo”, de que falou Paul Rainbow.<sup>6</sup> A atitude *queer* desconfia das tendências imperialistas do pensamento.

Creio que, desde os Estudos Culturais à Sociologia e Antropologia, passando pela Filosofia e pela Literatura, todas as disciplinas podem e devem readaptar as suas metodologias a partir das propostas que os Estudos Queer têm lançado. Devemos seguramente evitar que o *queer* se torne uma escola, paradigma de uma minoria, mas

---

<sup>5</sup> Guacira Lopes LOURO, *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidades e teoria queer*, 2004, Belo Horizonte, Autêntica Editora, s. p. <sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> Paul RAINBOW, *Antropologia da Razão*, 1999, Rio de Janeiro, Relume Dumaré Editora, p. 100.

devemos sobretudo aproveitar a oportunidade dos Estudos Queer para lembrarmos que a atitude crítica e a investigação científica exigem, ainda que isto se resolva num paradoxo, o desenvolvimento de metodologias e terminologias, mas também a desconfiança permanente acerca delas.

## **BIBLIOGRAFIA**

BUTLER, Judith; “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’” in Guacira Lopes Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 1999, Belo Horizonte, Autêntica Editora.

JAGOSE, Annemarie; *Queer Theory*, Victoria, 1997, Melbourne University Press .

LAURETIS, Teresa de; “Queer Theory, Lesbian and Gay Studies: An Introduction” in *Differences: A Journal of Feminist and Cultural Studies* 3/2, Summer 1991 .

LOURO, Guacira Lopes; *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidades e teoria queer*, 2004, Belo Horizonte, Autêntica Editora

SEDGWICK, Eve; *Epistemology of the Closet*, 1990, Harmondsworth, Penguin .

RAINBOW, Paul; *Antropologia da Razão*, 1999, Rio de Janeiro, Relume Dumará Editora.

**Ana Catarina Milhazes** é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartes, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É colaboradora do Instituto de Filosofia da mesma instituição. As suas áreas de investigação e interesse são sobretudo a retórica, a semiótica, a relação corporeidade-significação, e a estrutura e o desenvolvimento da linguagem. Prepara uma tese sobre a retórica de Leonardo Coimbra.